

Gabriela

Gabriela todos os dias se levantava cedo.

Era a primeira a entrar na casa de banho e a tomar um duche frio porque desse modo acordava melhor e, segundo os compêndios, porque o choque térmico era benéfico para a saúde.

A última coisa que fazia era olhar-se no espelho retangular da casa de banho. Não gostava de o fazer porque tinha de enfrentar as borbulhas que sempre despontavam na sua pele fina e algo avermelhada. Havia ainda o seu nariz curvado no meio, que, na sua opinião, lhe dava um ar estranho e muito aquém dos padrões de beleza que pululavam nas revistas de moda. Depois, vinha o calvário da limpeza dos óculos: água, sabão e um pano macio para ficarem reluzentes, sem manchas.

Finalmente, saía do seu retiro e engolia à pressa uma taça com cereais e leite para poder ter tempo de escovar os dentes antes de galgar a dois e dois os degraus que ficavam entre a sua casa e a paragem do autocarro. Era aborrecido ter de suportar o peso de uma mochila a abarrotar de livros e cadernos que lhe faziam lembrar as manhãs intermináveis de aulas, de afazeres escolares, de marcação de trabalhos de casa para rever as matérias.

Mas até esse ponto, Gabriela entendia e sabia que aquela rotina lhe seria muito útil no momento em que tivesse de escolher uma profissão. Afinal, teria já que ir pensando no que gostaria de fazer para ser feliz e remunerada por isso...

De igual modo, ela também já sabia uma coisa: não queria certamente ter um emprego no mesmo sítio que os colegas da turma. Não seria porque não gostasse de nenhum- a Joana até era afável, o Rui dirigia-lhe amiúde um rasgado sorriso e...e...quem mais? Ninguém surgia! Todos os demais eram extremamente críticos, trocistas e cruéis até; chamavam-lhe “caixa de óculos”, “toupeira”, “rata cega” para além de outros nomes que lhe rasgavam os ouvidos e a faziam sentir-se excluída e inferior. Esses podiam ser médicos, engenheiros, pintores, maquinistas, ...o que quisessem e o destino determinasse, desde que exercessem as suas profissões muito longe, fora do seu raio de ação.

Gabriela sabia fazer-se forte todas as vezes em que era atingida por um desses “galanteios”. Levantava a cabeça, olhava o agressor nos olhos e perguntava: “tens um problema? Estou a incomodar-te?”.

Não raramente, respondiam-lhe com sonoras gargalhadas ou com a questão “Não tens espelhos em casa?”, e Gabriela voltava as costas, contendo um soluço e as lágrimas também.

Ao final da tarde, os livros ainda pesavam mais. Rodava a chave da porta de casa em silêncio, percorria rapidamente o corredor estreito e abria num rompante a porta do quarto. A mochila era displicentemente atirada para a cadeira onde ainda jaziam as roupas despidas no dia anterior. Aterrava então na sua cama alta, e, com os braços à volta da cabeça, as pernas tensas sobre a colcha de algodão, deixava que as lágrimas rebentassem livremente, com igual violência dos recentes ataques de que fora vítima. Perguntava-se invariavelmente: “porquê eu?” e a resposta nunca surgia. Por mais que se concentrasse na procura dos verdadeiros

motivos, nada encontrava. Era profundamente injusto. Nunca fizera mal a ninguém, nunca difamara, magoara ou troçara de alguém. Por que motivo o fariam com ela?

A mãe chamou-a para jantar. Limpou as lágrimas com as costas das mãos, ajeitou o cabelo e lá se aprontou de modo a não levantar suspeitas.

No dia seguinte, logo se veria. Tinha de pensar em pôr cobro àquela amargura, ao flagelo de ser incomodada na frente de outros.

A noite levou muito tempo a passar. Gabriela não conseguia cerrar os olhos. Fixava-os no teto e via as sombras amareladas dos faróis dos automóveis filtradas pela cortina transparente da janela. Nunca conseguira descer os estores de modo a que o quarto ficasse escuro. Talvez tivesse medo ou talvez a movimentação das luzes no teto a fizessem sentir-se acompanhada, imaginando a gente que conduzia ainda àquela hora tardia...

Gabriela dava voltas e mais voltas, desprendendo os lençóis, amarfanhando o cobertor. Não conseguia explicar o que sentia: tudo lhe parecia triste e já nem era capaz de dizer aos pais a ótima classificação que obtivera no teste de matemática. De qualquer modo, o que lhe interessava isso? Para que lhe serviam as notas altas se os colegas não gostavam dela?

De novo, bebeu as próprias lágrimas. Era um sentimento indefinível porque não era só tristeza, era também revolta por nada ter feito, era ainda a injustiça da situação e muito mais emoções que não conseguia traduzir em pensamento.

Os primeiros raios de sol pousaram na escrivaninha. O quarto foi clareando de mansinho e Gabriela olhou para o relógio percebendo que dentro de uma hora teria de se levantar para cumprir a rotina escolar. Estava tão cansada!

Todavia, recomeçar era obrigatório e ela era uma guerreira. Deixou que os ponteiros andassem um pouco mais e levantou-se de um salto, prometendo a si mesma que o dia teria de correr bem.

Repetiu os mesmos gestos matinais e apanhou o autocarro uma hora antes.

No breve caminho até à escola, retirou um caderno da mochila e rabiscou umas frases para memorizar. Tinha engendrado um plano!

Subiu as escadas que antecediam a porta de entrada e perguntou à auxiliar de educação que se encontrava na receção se podia ser recebida pela diretora, com urgência.

A senhora estranhou o pedido, mas fez a ligação para o gabinete solicitando a visita da aluna. Sem muitas delongas, e após a resposta afirmativa da Diretora, Gabriela agradeceu e apressou o passo na direção pretendida. Bateu suavemente à porta e logo ouviu um “entre!” que lhe acelerou a pulsação e fez esquecer momentaneamente o propósito daquele encontro.

Abriu a porta. Uma senhora bem vestida e de sorriso franco convidou-a a sentar-se e a dizer ao que vinha. Gabriela já a tinha visto várias vezes nos corredores, mas nunca imaginou que o mais alto cargo da escola fosse desempenhado por uma pessoa tão sociável.

Titubeando as primeiras frases, mas formando logo desenvoltamente as seguintes, deixou fluir o seu discurso magoado de quem se sentia desconfortável naquele meio escolar, sem, contudo, deixar de admirar os professores e de estudar as matérias. Nunca pensou falar assim, muito menos diante da Diretora. Sentiu-se exposta, como se estivesse a abrir a alma, numa

confissão muito íntima e secreta. A Diretora ouviu-a em silêncio, meneando a cabeça, fitando-a com os seus olhos grandes, expressivos e bondosos.

Gabriela sentiu alívio, como se tivesse acabado uma digestão difícil, parada a meio por um copo de água gelada. A Diretora só lhe disse que não se apoquentasse mais porque tudo seria resolvido num curto espaço de tempo. Pôs-lhe as duas mãos nos ombros e disse-lhe que fora inteligente da sua parte confiar num adulto, explicando de forma clara e objetiva o seu sofrimento, a sua angústia.

Sentiu-se estranhamente liberta. Correu para a sala de aula – o toque da entrada soara há alguns minutos. Sentou-se e olhou à sua volta de forma confiante. Agora tudo entrava nos devidos lugares. Não temia olhares trocistas nem risos velados. A Gabriela era a Gabriela, tinha ganho uma identidade nova, mais digna, mais próxima de si própria.

Ouviu absorta as explicações da professora de História acerca da Revolução francesa; 1789 era um marco, uma data que gostaria de celebrar. Também ela sentia que se libertara de um jugo apertado, de uma prisão interior que lhe impedia o sossego e a alegria: *Liberté, Égalité, Fraternité*! Que excelente divisa! Adquirira o direito de ser ela, Gabriela em maiúsculas, Gabriela destemida e livre das agressões dos que pretendiam amesquinhá-la. Conseguira igualmente levar a cabo a sua revolução!

Bateram à porta da sala e ainda faltavam inúmeros minutos para que a aula terminasse. No écran da sala desfilavam imagens históricas de um período importantíssimo para a humanidade. Fez-se um silêncio constrangedor quando a professora do Gabinete de Intervenção Disciplinar leu a lista de alunos que deveriam comparecer de imediato no gabinete da Diretora.

Gabriela manteve-se impassível, sem expressão no rosto, sem se voltar para trás. Os colegas saíram cabisbaixos, apreensivos e curiosos, desconhecendo o que os esperava.

Os minutos passaram e ninguém voltou. Soube-se mais tarde que os pais tiveram de comparecer numa reunião nesse mesmo dia. O assunto fora a verdadeira narrativa da Gabriela. A psicóloga escolar também lá estava. A Joana e o Rui foram convocados como testemunhas. A punição, após reflexão conjunta, era já uma certeza embora Gabriela não se sentisse vitoriosa em relação ao decorrer do processo. Afinal, o seu desconforto e angústia inúmeras vezes repetidos ao longo dos últimos dois anos... evaporaram-se! A sua vitória era vivida de si em relação a si própria. Conseguira ter a lucidez de intuir que só os adultos poderiam ajudá-la a resolver a mágoa. Foi isso que fez. Depois... a justiça operou obrigando os seus pares a conferir-lhe a dignidade que merecia.

Desta vez para Gabriela, a figura da mulher vendada que segura uma balança em equilíbrio, deu lugar a uma outra: à mulher enérgica, guerreira, determinada, semelhante à Marianne de barrete frígido que vira na imagem da aula de História. Assim seria nos dias vindouros.

14/7/2019

Isabel Gomes